

NOMEANDO O INDIZÍVEL: O ESCREVER/VIVER DE MULHERES NEGRAS NA PÓS-GRADUAÇÃO

Naming the unspeakable: the writing/living of black women in postgraduate studies

Nombrar lo indecible: la escritura/vida de las mujeres negras en los estudios de posgrado

Roberta dos Santos Souza

<https://orcid.org/0009-0002-1981-7232>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Alice Bispo Fernandes

<https://orcid.org/0000-0002-2419-3711>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Fabiola da Silva Costa

<https://orcid.org/0000-0002-2149-8499>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Jamile Ferreira dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-5215-0380>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Kétlin Cristina Ferreira

<https://orcid.org/0000-0002-6766-646X>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Rosiene Silva Lima

<https://orcid.org/0009-0001-7113-3690>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Ana Cristina Cassiano de Campos

<https://orcid.org/0009-0009-2325-4365>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Fernanda Aimeé Alves Chaves

<https://orcid.org/0000-0003-1130-9399>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Beatriz Alice Silva de Souza

<https://orcid.org/0009-0003-3218-6081>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Resumo: Objetivo: Narrar coletivamente as vivências a partir do ingresso de nove mulheres negras na primeira turma majoritariamente autodeclarada negra na pós-graduação em terapia ocupacional. **Síntese dos elementos do estudo:** o trabalho transcorreu em três encontros, produzindo-se cartas sobre a chegada, permanência e construção deste coletivo. Destas, discutiu-se: o não pertencimento e acesso à educação e pesquisa como mudança. **Conclusão:** É importante compreender como mulheres negras percebem o ingresso e permanência no âmbito da pesquisa, bem como, o espaço coletivo como fator de proteção.

Palavras-chave: Racismo. Terapia Ocupacional. Pós-Graduação. Pertencimento.

Abstract: Objective: To collectively narrate the experiences from the admission of nine black women in the first class mostly self-declared black in the graduate program in occupational therapy. **Synthesis of the elements of the study:** the work took place in three meetings, producing letters about the arrival, permanence and construction of this collective. Of these, the following were discussed: the lack of belonging and access to education and research as change. **Conclusion:** It is important to understand how black women perceive the entry and permanence in the scope of research, as well as the collective space as a protective factor.

Keywords: Racism. Occupational therapy. Postgraduate. Belonging.

Resumen: Objetivo: Narrar colectivamente las experiencias de ingreso de nueve mujeres negras en la primera promoción, en su mayoría autodeclaradas negras, en el programa de posgrado en terapia ocupacional. **Síntesis de los elementos del estudio:** el trabajo se desarrolló en tres encuentros, produciendo cartas sobre la llegada, permanencia y construcción de este colectivo. De estos, se discutieron los siguientes: la falta de pertenencia y acceso a la educación y la investigación como cambio. **Conclusión:** Es importante entender cómo las mujeres negras perciben la entrada y permanencia en el ámbito de la investigación, así como el espacio colectivo como factor protector.

Palabras-clave: Racismo. Terapia Ocupacional. Postgrado. Pertenencia.

Como citar:

Souza, R. S.; Fernandes, A. B.; Costa, F. S.; Santos, J. F.; Ferreira, K. C.; Lima, R. S.; Campos, A. C. C.; Chaves, F. A. A.; Souza, B. A. S. (2025). Nomeando o indizível: o escrever/viver de mulheres negras na pós-graduação. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(4): DOI: 3690-3701. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto62359

Apresentação

Segundo o levantamento realizado pela Liga de Ciência Preta Brasileira, em 2020, dentre os alunos de pós-graduação, 2,7% são pretos, 12,7% são pardos, 2% são amarelos, menos de 0,5% é indígena e 82,7% são brancos (Lima & Dutra, 2020). Ainda que, a maioria das pessoas nascidas no Brasil sejam pretas/pardas, há um desejo de branqueamento que inviabiliza a presença destas pessoas nos espaços de poder, incluindo o âmbito da pesquisa. Além disso, essa população aparece, majoritariamente, como alvo de pesquisas e não como produtores delas.

A ciência brasileira, ainda hoje, é baseada em um escopo eurocêntrico, seus desdobramentos têm cor e endereço, pessoas tidas como brancas e com maior poder aquisitivo. Diante disso, tem-se as produções pautadas, em sua maioria, sob uma única perspectiva. No entanto, cabe pensarmos na democratização do acesso à pesquisa e à pós-graduação, como ferramentas importantes para pessoas negras poderem falar sobre e a partir de si, assim como de seu povo, tendo em vista que falar é existir e assumir uma cultura (Fanon, 2008; Gaia, 2021).

Nesse contexto, este artigo pretende abarcar temáticas que compõem a vivência de nove mulheres negras, sendo seis ingressantes por ações afirmativas¹ e três por ampla concorrência, no Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (PPGTO-UFSCar). De forma que os aspectos discutidos possam narrar o impacto ressoado nestes corpos, conforme a percepção de quem estava vivenciando, a primeira turma de pós-graduação do referido programa com maior número de ingressantes negras.

Para isso, o percurso de construção dessa escrita deu-se inicialmente a partir da criação de um coletivo de mulheres negras ingressantes na turma de mestrado no ano de 2023. Atualmente, o coletivo intitulado “Queridas”, é composto por mulheres que compõem as três linhas de pesquisa que contemplam a estrutura do programa, sendo elas: Promoção do Desenvolvimento Infantil nos Contextos da Vida Diária; Redes Sociais e Vulnerabilidades e Cuidado, Emancipação Social e Saúde Mental.

Valendo-se da multiplicidade, não somente, de vinculação acadêmica e grupos de pesquisa, mas também de territórios de origem e moradia, foram utilizadas plataformas digitais para construção deste artigo. Em um primeiro encontro remoto, através da plataforma digital *Google Meet*, realizou-se discussão sobre os caminhos a trilhar para iniciar a produção deste excerto. Na ocasião, estruturou-se para o coletivo a tarefa de escrever uma carta, em primeira pessoa, que narrasse a vivência das pesquisadoras enquanto mulheres negras na pós-graduação apresentando-se como a primeira turma majoritariamente autodeclarada negra, até o momento.

¹ Ações afirmativas: são políticas públicas e privadas, que visam garantir direitos historicamente negados a grupos minoritários. Um exemplo é a Lei Federal 12.711/2012, também conhecida como Lei de Cotas (Gaspar e Barbosa, 2013).

Neste sentido, orientando-se por um roteiro elaborado para o trabalho final de uma disciplina do programa, estabeleceu-se um prazo para a escrita de sete dias, anexando-a em pasta compartilhada na nuvem, para que todas pudessem realizar a leitura dos textos. Não houve instrução para a leitura, o intuito era que a carta ressoasse em cada pesquisadora de maneira livre. A partir da leitura dos textos foi realizado novo encontro em uma segunda data que foi carregado de uma partilha sensível, de muitas dores, mas também muita resiliência, sendo possível identificar os impactos que o acesso à pós-graduação, na companhia de outras mulheres negras, causou a cada uma.

Ao mesmo passo que se teciam histórias muito diversas, com dores e caminhos distintos, havia muito em comum enquanto pontos que confluíram em todas as narrativas, e a partir desta percepção, foram sintetizados três elementos vividos que serão explorados com mais profundidade nos escritos a seguir. A saber: I. Do não pertencimento ao aquilombamento: um caminho de afetos; II. Pesquisa como possibilidade de mudanças sociais e; III. Acesso ao ensino superior como forma de emancipação da população negra.

Para a apresentação de trechos das cartas produzidas pelo grupo, optou-se por realizar a identificação das mulheres participantes do coletivo com o pseudônimo de nomes de mulheres negras que foram personagens importantes para a construção da história do Brasil.

Do não pertencimento ao aquilombamento²: um caminho de afetos

Me olhe como uma tela preta, de um único pintor

Só eu posso fazer minha arte

Só eu posso me descrever

Vocês não têm esse direito

BB King - Baco Exu do Blues, 2018

A colonização significou um processo de dominação da cultura ocidental em detrimento das demais culturas, bem como de dominação do imaginário do colonizado (Quijano, 1992 citado por Matta & Machado, 2021). O que levou a repressão de crenças, símbolos, valores e conhecimentos ancestrais, uma vez que estes não atendiam aos interesses econômicos do sistema colonial. Esta realidade colaborou para um cenário em que os padrões de expressões dominantes impediram as demais expressões e atuaram por meio de reguladores sociais e culturais.

A academia, dentro de uma construção de ciência imperialista, ocidental e colonial se apresenta como reflexo da sociedade, de modo que escancara violências raciais cotidianamente enfrentadas pelos corpos negros, principalmente pelas mulheres negras (Grosfoguel, 2016; Kilomba, 2019). Nesse sentido, um dos braços fortes do racismo gira em torno da organização social e psíquica da branquitude enquanto coloca a população racializada, sobretudo as mulheres negras, como a *outridade* e encarnam funções

² Aquilombamento diz respeito à um espaço seguro de cuidado, compartilhamento e acolhimento entre pessoas negras (Nascimento, 1981).

que a população branca não deseja ver em si; perdendo, assim, por vezes sua individualidade e tornando-se a outra da branquitude (Kilomba, 2019).

Discursos me colocam como “Outra” quando dizem que não posso ser daqui porque sou negra. Imagens me colocam como “Outra/o” quando ando pela rua e me vejo cercada por anúncios com rostos negros e palavras apelativas como “Ajuda”. Gestos me posicionam como “Outra” quando na padaria a mulher branca ao meu lado tenta ser atendida antes de mim. Ações me colocam como “Outra” quando sou monitorada pela polícia assim que chego a uma estação de trem. Olhares me colocam como “Outra” quando as pessoas olham fixamente para mim. Toda vez que sou colocada como “Outra”, estou experienciando o racismo, porque eu não sou “outra”. Eu sou eu mesma.” (Kilomba, 2019, p. 80; grifo nosso).

Adichie (2019) em seu livro “O perigo de uma história única”, aponta a potência em se reescrever as histórias da perspectiva de quem vive, de modo que uma narrativa usada para espoliar e caluniar, possa ser reconstruída recuperando uma dignidade despedaçada.

Neste sentido, compreende-se que o encontro deste coletivo permite reconstruir um cenário de expropriação e silenciamento de narrativas negras, em que o corpo extirpado de seu território de origem passa a operar enquanto memória. A memória encarnada no corpo negro segue pulsando os afetos, valores e tradições daquele território perdido, nessa perspectiva, de acordo com Beatriz Nascimento (Reis, 2020) o corpo, carregando a memória deste lugar passa a ser o próprio território negro, corpo-território vivo e dinâmico.

Desse modo, o encontro do coletivo Queridas em um ambiente acadêmico que exerce seus mecanismos de poder e silenciamento racial, se constitui enquanto uma “[...] identidade individual e coletiva da população negra através de uma narrativa [...]” (Reis, 2020) e aquilombamento, que se alicerça na concepção de território corporal valendo-se da compreensão de que “[...] são narrativas de um sujeito complexo que carrega consigo o quilombo e a senzala e seu corpo pode estar [...] aprisionado ou [...] na liberdade da fuga” (Reis, 2020).

Assim, pode-se afirmar que a potência do encontro entre corpos-territórios negros é o retorno ao lar, um quilombo que se constrói por todas, apresentando-se como um momento em que os pedaços dissipados em diásporas se juntam, gerando identificação, pertença e acolhimento conforme pode ser apreciado nos trechos das cartas a seguir.

Trechos corpo-território Orí

[...] Chego no Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional com muito medo de rejeição e falta de acolhimento, pisando devagar nesse espaço a partir de relatos dos meus/minhas. Quando encontro a minha turma, vejo ecoar pertencimento na cor da pele das pessoas. Uau, pela primeira vez nós somos a maioria em um espaço! [...] Cada uma com sua história de amores e

dores. [...] Nisso, percebi que foi se criando um espaço de troca segura, no qual todas nós a partir de uma segurança coletiva poderíamos estar, ser e permanecer. Espaços esses onde até os puxões de orelha vinham com ternura e diálogo. Eu, que estava acostumada em espaços de muitas violências [...] agora, eu já não era mais aquela que tinha medo, eu já tinha uma sensação de pertencimento porque sabia que, se algo acontecesse comigo na frente dessas mulheres, eu teria defesa e resistência (Almerinda Farias Gama).

Sentando para escrever agora, me vem fresco na memória o primeiro dia de aula e da ansiedade de não querer ser mais uma vez a única pessoa racializada do espaço. Este lugar que me deram/colocaram sempre foi de muito desconforto e de uma sensação de sentir-me exposta, longe dos meus, me sentindo uma impostora na maioria das vezes. A estrangeira. Sempre foi desagradável [...] (Celie).

Para construir esse conhecimento, tecer saberes nunca foi tão bonito desde quando encontrei meu quilombo. Quando senti outras mulheres de muita força, coragem e sabedoria naquela sala. Sala que costumava me dar branco, literalmente. Senti uma sala de muitas histórias ancestrais como essa que conto, comprometidas com nossa herança, com as lutas que vieram antes. Me senti fortalecida para seguir adiante, apesar de todos os obstáculos que imaginei por vir [...] (Tia Ciata).

[...] Preciso dizer que encontrei o que não esperava nesse local. Já na primeira aula notei que eu não era a única negra e nem éramos poucas [...] eu não estava só! Esse reconhecimento e pertencimento me gerou conforto, eu tinha para onde olhar, eu tinha quem compreenderia minhas falas, eu tinha afeto (Antonieta de Barros).

Me fortaleci, vendo a força das meninas, me nutri vendo as afirmações de que aquele lugar também era nosso. Agradeço por ter tido essa oportunidade (Maria Felipa).

Pesquisa como possibilidade de mudanças sociais

*Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela, gritando cocaína
Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme
Bluesman – Baco Exu do Blues, 2018.*

O intelectual não está distante de seu povo, ele precisa estar implicado com e na sociedade, sem adotar uma postura neutra perante as questões. No entanto, quando se considera o contexto de *apartheid* sociorracial, este pensamento não é válido para a elite intelectual que foi construída no Brasil, a qual distancia-se do seu objeto de estudo, o povo. A mesma parcela da sociedade que resiste em mudar sua posição de poder e negar o acesso e permanência para que pessoas negras adentrem as universidades, seja como discente ou docentes (Nascimento, 2016; Gaia, 2021).

De acordo com Akotirene (2018), o processo de descolonização do imaginário e das práticas em relação ao combate ao racismo na construção das sociedades, é conflitante. Nesse caminho, a educação apresenta-se como um espaço em que há escancaramento das tensões, em decorrência dos apagamentos históricos e epistemológicos presentes nos currículos, nas práticas educacionais e nas propostas, seja na educação básica ou no nível superior. Esta realidade só pode ser superada se os espaços científicos compreenderem a necessidade de descolonizar-se. A pesquisa para a população negra é um espaço para exercer a intelectualidade, para além do que se existe na universidade, é uma possibilidade de buscar mudanças reais (hooks³, 2019).

No que diz respeito à intelectualidade tradicional, entendida como a que segue a lógica da ciência ocidental e de seus temas reconhecidos, as mulheres negras sofrem perseguições nas universidades. O que gera questionamento acerca de sua capacidade intelectual, assim como da confiabilidade de suas pesquisas, sobretudo aquelas com foco em questões de identidade, ocasionando uma percepção que coloca em jogo a importância dos estudos produzidos, apenas por não serem eurocêtricos (hooks, 2019). Esta perspectiva pode ser entendida a partir do relato a seguir.

A construção de conhecimento para mim vem dessa história. Do saber de meus avós com a dinamicidade da natureza, da compreensão com o tempo, o saber dos legumes, das frutas, da colheita. Vem daqueles que honraram esse saber, mas que tinham sede de mais. O conhecimento vem de uma história de gerações em luta, de gerações com muita coragem para romper com grandes vazios (Tia Ciata).

Nesse sentido, os saberes tradicionais sofrem processos de silenciamento, resultantes da colonização. O que outrora era uma máscara de ferro, atualmente é o apagamento da produção negra, isto é, uma forma de negar e reprimir o conhecimento produzido pelas intelectuais negras (Kilomba, 2019).

Assim, a educação como um espaço político e intelectual, atua como um dos pilares da luta do Movimento Negro, contribuindo contra a discriminação racial, não como a solução para os males, mas como um lugar para produção e discussão de conhecimento sobre si (Santos & Backes, 2023).

A ciência que sustentará minhas produções será acessível, de fácil compreensão e objetivando alterar a realidade do “meu povo”, para que corpos racializados possam sentir-se pertencentes a qualquer espaço, principalmente ao meio acadêmico. Porque foi esta experiência de construir este quilombo com vocês que tem me permitido acessar (Maria Bonita).

Nesse sentido, entende-se que para mudança da hegemonia acadêmica, é necessário transgredir as linguagens, descentralizar o conhecimento da lógica vigente e tomar consciência racial dentro da

³ O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa.

universidade, por meio de debates e discussões, segundo Gomes (2021) essa entrada efetiva de negros e negras na universidade, só é possível por meio dessa busca por relações, onde os corpos/territórios negros carregados de conhecimento próprio, reeducam a universidade.

Eu, enquanto pesquisadora, compartilho do mesmo contexto de vida das mulheres que irão colaborar com o estudo. Vivo na mesma comunidade, convivo e trabalho com elas em outros espaços para além da pesquisa, tais como o grupo comunitário, o grupo de mulheres de geração de renda, em diferentes conselhos municipais, como da Saúde e da Pessoa Negra, dentre outros, o que me aproxima de suas realidades, de suas histórias de vida e de luta, sendo, inclusive, o que impulsionou o desejo de pesquisar. Tornei-me pesquisadora com elas para pensarmos juntas em transformações da realidade que nós vivemos (Carolina Maria de Jesus).

Portanto, a pesquisa para mulheres negras, é um caminho para escrever e expressar a luta e a realidade, embora seja diversa a experiência de cada uma, o que se reconhece nesse caminho complexo e conflituoso, que tenciona na Educação Superior, é de que, sendo mulheres-filhas-mães discorre em uma mesma emergência, a de transformar as circunstâncias que nos foram impostas.

O movimento negro no Brasil foi um educador da sociedade brasileira, por aglutinar o saber construído pela população negra ao longo da sua trajetória histórica, cultural, social, política e atuante como produtor de saberes na luta antirracista.

Gomes et al., (2021) afirmam que foi o perfil político e formativo do movimento negro somado a sua força reivindicativa que possibilitaram as políticas de acesso. Dessa forma, este é um dos principais responsáveis pela construção da política de ações afirmativas na educação, uma vez que sempre pautou o acesso democrático à educação como estratégia combativa ao racismo.

Por meio de lutas e resistências disseminadas por todo o país, o movimento negro evidencia o racismo vigente na sociedade brasileira e demanda políticas públicas, com vistas à superação das desigualdades étnico-raciais, há muitas décadas. É recente a afirmação que nós somos um país racista, podendo ser considerado uma conquista histórica pelo ativismo político (Silva, 2017).

Gomes et al., (2021) reiteram que as políticas de ações afirmativas propõem uma crítica aos privilégios dos grupos sociais, considerando as interseccionalidades de classe e raça, que são sustentadas por um viés estrutural e epistêmico, ampliando caminhos para questionamentos, apresentando a existência da colonialidade do saber⁴.

Significa dizer que ao democratizar o acesso aos estudantes pobres, indígenas, negros e pessoas com deficiência no ensino superior é possibilitar a formação de um quadro diverso, de profissionais,

⁴ Segundo Quijano (2005) a colonialidade se transfere do âmbito do poder para o campo do saber, a partir da noção que há um conhecimento único e superior, sob viés eurocêntrico, que deve ser considerado em detrimento dos outros.

intelectuais, políticos, artistas na sociedade, ou seja, as ações afirmativas, assumem um caráter político primordial na luta por direito à igualdade racial e à diversidade não só no ensino superior, mas também na sociedade de um modo geral.

Felipe & Carvalho (2021) afirmam a relevância da política da lei de cotas devido à mobilização da população negra brasileira na luta por direitos e por ocupar espaços que em outros momentos históricos lhe foram dificultados e/ou negados. Por honra a memória histórica de homens e mulheres negras é fundamental lembrar que ao chegarem ao Brasil a partir do século XVI, como escravizados, sempre lutaram por direitos, por meio de ações individuais ou coletivas, o que levou inclusive à Abolição da Escravidão em 1888.

Rascke, Santos & Alencar (2021) pontuam que as cotas étnico-raciais para o ensino superior são, em suma, o resultado de intensa mobilização dos movimentos sociais em prol de uma reparação da dívida histórica que o Estado brasileiro possui para com a população negra e indígena.

Acesso ao ensino superior como forma de emancipação da população negra

A educação tem um papel transformador na realidade concreta das pessoas, de poder ampliar sonhos e perspectivas, de estar e ocupar diferentes lugares, experimentando vivências múltiplas. A lei de cotas aperfeiçoa a luta coletiva pela democracia, e questiona as instituições públicas que não retrata de forma equânime e igualitária a diversidade brasileira, e não cumpre com a sua missão pública. Com a inserção da juventude negra, periférica, queer, quilombola, do campo e indígena ampliou os saberes, conhecimentos, narrativas e epistemologias nas Instituições de Ensino Superior, trazendo uma multiplicidade em corporeidade, corpos/territórios e experiência estética. Realidade que faz a universidade repensar a sua relação com o conhecimento (Gomes et al., 2021).

Então é fundamental discutir que projeto de país queremos, Felipe & Silva (2022) nos indagam que as políticas de ações afirmativas beneficiam a todas. As cotas raciais têm um potencial de questionar o desígnio colonial marcado no cotidiano de brasileiras e brasileiros.

De acordo com Felipe & Silva (2022) a população negra propõe a ocupação dos espaços para falar sobre as dores provocadas pelo racismo, assim como pelas lutas travadas por discentes e docentes racializados. Na docência, assume-se um compromisso ético-político coletivo, apesar do número pequeno, a fim de erguer a voz para construir a luta antirracista, respeitando os que vieram antes.

Ainda, ressalta-se a importância em romper as estruturas hegemônicas do saber e do poder, a fim de findar o racismo em suas mais diversas facetas, sobretudo no que diz respeito ao racismo epistêmico e antinegro. Assim, busca-se transformar as angústias, dores e preocupações em linguagens e ações, uma vez que o silêncio não poderá nos proteger (Felipe & Silva, 2022).

Considerando o relato de trajetórias das discentes negras do PPGTO e autoras desse artigo, foi notória a importância da Educação, formal e pública, no processo de construção e fortalecimento de identidades e de uma visão de mundo ampliada. Como destacado em algumas cartas:

A universidade pública possibilitou a vivência de espaços de conexão, os quais vão de encontro ao sentimento de pertencimento como um movimento de fuga da opressão. O que torna mais forte a “voz” da defesa durante o embate interno e mental que fazemos todos os dias, principalmente frente a novos desafios (Dandara).

Hoje, penso no quanto o acesso à educação superior de qualidade e tão reflexiva como a que fui exposta no curso de graduação em terapia ocupacional, bem como nos espaços que circulei desde esta vivência, foram essenciais para que o meu território corporificado se constituísse. Se eu só seria tolerada enquanto àquela que se destaca pela inteligência, era através dela, então, que escolheria trilhar meu caminho estrangeiro. (Celie).

[...] fazer parte da primeira turma do mestrado profissional majoritariamente negra, não é acaso. É reflexo de lutas, reivindicações e conquistas de diversos atores sociais e movimentos negros na efetivação de políticas de ações afirmativas. É histórico! De que nós podemos escrever às nossas experiências, sem mediadores, que vamos ser autoras/pesquisadoras criando outras narrativas sob perspectivas negras, apresentando as instituições de ensino superior e as pós-graduações *Stricto Sensu* devem ser plurais, diversas e inclusivas, e que não há volta (Anastácia).

Notoriamente as cartas foram conectadas,

Reconhecendo veementemente a política de reserva de vagas com recorte social e étnico como minha porta de entrada na graduação, mestrado e agora o doutorado (Dandara).

Ainda que, e as experiências nesses espaços nem sempre tenham sido positivas quando se remetem às questões raciais, foi por meio dos processos educativos que desejos foram nutridos, e vidas foram planejadas.

De modo geral, penso que a nossa presença pode inibir alguns comportamentos e falas, o que não nos impediu de ouvir violências de pessoas que se escoram na sua falta de letramento racial [...] (Almerinda Farias Gama).

O acesso ao ensino superior para mulheres já é emblemático. Para mulheres negras e/ou periféricas apresenta camadas mais delicadas ainda. Poder contar com a política de cotas no processo de acesso foi um diferencial nessa caminhada, e quem com ela não contou, sentiu que teve que reajustar os planos e sonhos para o que era possível de ser feito.

Muitas dessas mulheres são as primeiras ou estão entre as primeiras a ingressarem em uma Universidade, quicá em um Programa de Pós-Graduação. São mulheres que estão reescrevendo não só a sua própria história, estão abrindo caminhos para as próximas que virão e honrando quem lutou pela chegada delas nesses espaços.

A primeira, na minha família, isso nunca foi pautado por questão de cor, aliás, comecei a pensar sobre cor de pele apenas na universidade. Nunca fui levada a pensar na primeira mulher negra a ter feito algo, apenas me foi apontado que eu seria a primeira a ter ensino superior, e era nessa vitória que eu deveria focar (Tereza de Benguela).

Essas mulheres não tiveram oportunidades educacionais, viveram a vida inteira no interior, trabalhando em casa, ou fora dela, impulsionando sonhos e vontades dos mais novos. Destas, coloco o maior destaque em minha mãe, que acredita nos meus sonhos mais que eu e passou, mesmo nas dificuldades, a cultivar minhas asas para que pudesse alçar voos que não lhe foram permitidos. É dessa forma que chego neste espaço, trazendo sonhos que são meus, mas que também são delas (Almerinda Farias Gama).

[...] no nosso núcleo sou a primeira graduada. Claro, tenho dois tios do lado da minha mãe graduados e dois do lado do meu pai graduados, homens. Eu sou a primeira mulher graduada da família, a primeira que tirou carta de motorista e a primeira a fazer pós graduação. Eu cheguei na pós graduação, por mim, mas também por eles, porque carrego o nome deles comigo (Maria Felipa).

A educação me mostrou mundos melhores, mundos possíveis, menos violentos, com outras belezas, me deu um retorno para o que é meu, mas por outro lado ela também minou sonhos, me construiu durezas, incertezas e não-lugares. Da pesquisadora que nasce, desde a história de Manelão, me entendo como alguém que concretiza sonhos dos meus ancestrais, que vive e ocupa lugares por eles abertos e construídos com muito suor, sangue e resistência (Tia Ciata).

Considerações Finais

Narrar experiências, a partir de um corpo-território, na construção coletiva comum a mulheres negras faz com que sejam incitadas questões acerca da forma que têm sido a permanência destas no âmbito da pós-graduação. Adentrar este universo, muitas vezes, está embebido em sentimentos de incerteza, sensações de não pertencimento e dificuldades de acesso aos espaços. Seria, inclusive, utópico dizer que a permanência é garantida por meio do ingresso, haja vista que diariamente são vividos processos de silenciamento e exclusão, ainda que de forma sutil.

No entanto, este escrito mostra um horizonte a ser almejado, um espaço de troca segura, um espaço em que as individualidades foram e são respeitadas e acolhidas. Assim são espaços construídos por mulheres negras que existem, resistem e vivem a pós-graduação. Ainda, a construção do

aquilombamento, é uma proposta de real significado para a permanência de estudantes negras na universidade, uma vez que por mais que haja tensionamento, o quilombo traduz-se em cuidado e cura. Dessa forma, pode se configurar como um fator protetivo para a permanência nesses espaços.

Referências

Adichie. C. N. (2019). *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 32 p.

Akotirene, C. (2018). *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte MG: Letramento: Justificado.

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. (Edufba).

Felipe, D.; Silva, V. Os Feitos e os Efeitos das Cotas Raciais no Brasil: avanços, desafios e possibilidades. *Escritas do Tempo*, v. 4, n. 10, p. 4-9, 30 abr. 2022. <https://doi.org/10.47694/issn.2674-7758.v4.i10.2022.0409>

Gaia, R. da S. P. (2021). O NEGRO-ACADÊMICO E AS TENSÕES ENTRE O QUERER-SER-PERTENCER EM ESPAÇOS EXCLUDENTES. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 13(35), 366–386. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/906>

Gaspar, L. Barbosa, V. (org.) *Ações afirmativas e política de cotas no Brasil: uma bibliografia de 1999 – 2012*. Ministério da Educação: Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 2013.

Gomes, N. L., Silva, P. V. B. da ., & Brito, J. E. de. (2021). Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. *Educação & Sociedade*, 42, e258226. <https://doi.org/10.1590/ES.258226>.

Gomes, N. L. (2021). O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. *Revista De Filosofia Aurora*, 33(59). <https://doi.org/10.7213/1980-5934.33.059.DS06>

Grosfoguel, R. (2016). *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31 n. 1, p. 25-49, janeiro/abril 2016. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>

hooks, b. (2019). *Eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Rio de janeiro: Rosa dos Tempos.

Kilomba, G. (2019) *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. (J. Oliveira, Trad.). Cobogó. (Obra original publicada em 2008). <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229978>

Lima, C. & Dutra, F. (2020). Mesmo sendo maioria na população brasileira , negros ainda têm baixa representatividade no meio acadêmico. Jornal da UFRGS. <https://www.ufrgs.br/jornal/mesmo-sendo-maioria-na-populacao-brasileira-negros-ainda-tem-baixa-representatividade-no-meio-academico/?print=print>

Matta, B. de A. R. ., & Machado, R. de C. F. . (2021). A intelectualidade negra e a produção científica: um olhar decolonial. *Cadernos De Ética e Filosofia Política*, 39(2), 33-44. <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v39i2p33-44>

Baco Exu do Blues. (2018) BB King. [Bluesman]. Gravadora 999.

Baco Exu do Blues. (2018) Bluesman. [Bluesman]. Gravadora 999.

Nascimento, A. (2016). *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectivas.

Quijano, A. (2010) *Colonialidade do poder e classificação social*. In: B. S. Santos, & M. P. Meneses (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.

Rascke, K., dos Santos, J., & Alencar, M. C. (2021). O programa de apoio ao estudante quilombola (PAEQUI) como política de permanência numa universidade na Amazônia (UNIFESSPA-PA). *Escritas Do Tempo*, 3(7), 124-146. <https://doi.org/10.47694/issn.2674-7758.v3.i7.2021.124146>

Reis, R. F. (2020). *Ôrí e memória: O Pensamento de Beatriz Nascimento*. Sankofa. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana* Ano XIII, NºXXIII. <https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2019.169143>

Santos, J. Backes, J.L. (2023) A intelectualidade negra: a voz de mulheres negras do grupo TEZ. *Poiésis – Revista do Programa de Pós Graduação em Educação* <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136030012>

Silva, M.A. B. da. Racismo institucional: pontos para reflexão. *Laplage em Revista (Sorocaba)*, vol.3, n.1, jan.-abr. 2017, p.127-136 DOI: <https://doi.org/10.24115/S2446-6220201731223p.127-136>

Contribuição dos autores: R. S. S.; A. B. F.; F. S. C.; J. F. S.; K. C. F.; R. S. L.; A. C. C. C.; F. A. A. C.; B. A. S. S.: Elaboração do Texto, coleta de dados, análise dos dados, revisão do texto.

Recebido em: 20/12/2023

Aceito em: 15/07/2025

Publicado em: 31/10/2025

Editor(a): Marcelo Marques Cardoso / Ricardo Lopes Correia